

O FILHO ETERNO, DE CRISTÓVÃO TEZZA, E O PACTO AUTOBIOGRÁFICO

CAMILA DA ROSA DA COSTA¹; ALFEU SPAREMBERGER²

¹Universidade Federal de Pelotas – crc_pel@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – alfeu.sparemberger@terra.com.br

1. INTRODUÇÃO

A narrativa contemporânea **O filho eterno** (2007), de Cristóvão Tezza, é composta por fatos que dizem respeito à vida do autor, fato que a inclui no campo da autobiografia. Porém, os elementos biográficos aparecem entrelaçados em um texto ficcional, o que precisa ser analisado dentro do conceito de autobiografia de Philippe Lejeune para que se entenda a hibridez entre ficção e realidade.

Além do aspecto genérico, a escrita de Tezza, neste texto, também inspira uma análise voltada para a psicologia, abarcando a forma como expressa sua relação com seu filho e o distanciamento da narrativa ao contar suas alegrias e frustrações como pai e escritor em terceira pessoa.

Este trabalho tem, então, o objetivo de inserir a narrativa de Tezza no conceito de autobiografia; pretende, ainda, relacionar, de forma breve, a escrita autoficcional à psicologia, mais especificamente à teoria do espelho desenvolvida por Lacan.

2. METODOLOGIA

A metodologia deste trabalho fundamenta-se em uma pesquisa bibliográfica elegendo como objeto o texto literário **O filho eterno**, abordado com o apoio de textos teóricos da área de literatura e também de psicologia, entre eles LEJEUNE (2014) e SALES (2005). Por meio do método comparatista, o texto de Cristóvão Tezza foi relacionado com a teoria da autobiografia, bem como com a teoria do espelho de Lacan, o que auxilia na compreensão do universo da escrita de fatura biográfica/ficcional.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em **O filho eterno**, Cristóvão Tezza retratou muitos acontecimentos do seu cotidiano a partir do nascimento de seu primogênito Felipe, portador da síndrome de Down. A narrativa, na qual apenas o nome do filho aparece, acontece em terceira pessoa, com o intuito de fugir do relato puramente autobiográfico. O autor buscava esse distanciamento, pois desejava que sua obra fosse recepcionada como ficção, abrindo mão da primeira pessoa e adotando, como estratégia literária, a terceira pessoa do singular.

O livro pode ser lido como uma autobiografia, pois, ainda que a capa acuse pertencer ao gênero romance, a narrativa apresenta fatos reais da vida do autor mesclados à ficção. Esses fatos ocorridos na vida do autor são facilmente encontrados na mídia, na internet, em entrevistas com Tezza e na própria orelha do livro da 17ª edição, na qual lemos: “O autor aproveita as questões que

aparecem pelo caminho nestes 26 anos de Felipe para reordenar sua própria vida”, o que já muda o tipo de leitura que será feita, visto que não se trata de obra ficcional.

As pistas que o leitor percebe no livro fazem parte do chamado *pacto autobiográfico*, noção criada por Philippe Lejeune (1975), na qual o leitor tem um papel fundamental e é a partir da leitura dos elementos paratextuais que ele vai diferenciar uma autobiografia de um romance, acreditando na veracidade do que está escrito. No mesmo texto, o autor define a autobiografia como “narrativa retrospectiva em prosa em que uma pessoa real faz de sua própria existência, quando focaliza sua história individual, em particular a história de sua personalidade” (2014, p. 16).

Essa ficcionalização da vida do autor pode ser percebida desde a primeira epígrafe, do austríaco Thomas Bernhard: “Queremos dizer a verdade e, no entanto, não dizemos a verdade. Descrevemos algo buscando fidelidade à verdade e, no entanto, o descrito é outra coisa que não a verdade”.

Na segunda epígrafe lemos: “Um filho é como um espelho no qual o pai se vê, e, para o filho, o pai é por sua vez um espelho no qual ele se vê no futuro”, que é um pensamento do filósofo e teólogo dinamarquês Søren Kierkegaard. Neste caso, aparece a analogia com o espelho, na qual podemos ver a projeção que o pai faz em relação a seu filho e a alusão que faz, dentro da narrativa, do nascimento do filho como sendo também o seu nascimento. Tal visão pode ser relacionada à fase do espelho de Jacques Lacan, em que o olhar do outro transforma o sujeito e seu olhar sobre si mesmo.

De acordo com a psicóloga Léa Silveira Sales, Lacan afirmava que “exterior a si mesmo desde sua própria origem, o *eu* é, então, essencialmente uma instância paranóica, independentemente da qualidade dos sintomas produzidos posteriormente pelo sujeito” (2005, p. 122), o que mostra que a imagem que temos de nós mesmos é uma construção subjetiva e alienante, pois é construída com base na experiência e na visão dos outros membros da sociedade.

Muitas das frustrações do pai aparecem na narrativa como forma de fluxo de consciência, onde são colocadas lembranças da adolescência, sem obedecer a uma ordem cronológica. Essas lembranças acabam se tornando uma fuga do pai/escritor que parece não crescer e sempre ver o que passou e os sonhos que tinha como algo melhor do que aquilo que está vivendo.

Ao adentrarmos na narrativa de Tezza, percebemos muitas das frustrações do homem, por se ver impotente diante da doença de Felipe e diante do pai e do escritor que não consegue ser:

No ano anterior lançara *O terrorista Lírico*, uma novela de quem ninguém tomou conhecimento. Nem ele mesmo, defensivo – que esperem o próximo romance, um calhamaço de trezentas páginas, *Ensaio da Paixão*, o primeiro acerto de contas com a própria vida antes do filho. Está na gaveta, já com quatro ou cinco cartas de recusa. (TEZZA, 2015, p. 116)

Enfim, Tezza exteriorizou sua subjetividade através da escrita. Essa distância entre o vivido e o narrado permite a reflexão crítica e, por ficcionalizar a própria vida, essa rememoração pôde se dar de forma mais livre, menos comprometida com a referencialidade.

4. CONCLUSÕES

O artigo procurou analisar de forma breve a obra **O filho eterno**, de Cristóvão Tezza, à luz do pacto autobiográfico, de Philippe Lejeune, e também comparar elementos desta escrita com a psicologia, mais especificamente com a teoria do espelho de Jacques Lacan.

Com as reflexões, pode-se compreender que o texto de Tezza, ainda que apresente características que o inserem no campo da literatura, também pode ser lido como autobiográfico, pela exposição de relatos reais do autor em um acerto de contas com a própria vida. Ao falar da relação com o filho que tem síndrome de Down e das diversas reações que tem diante da doença, rememora vários acontecimentos de sua juventude em forma de fluxo de consciência, numa narrativa escrita em terceira pessoa.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico; de Rousseau à Internet**. Trad. Jovita Maria Gerheim; Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2014.

SALES, Léa Silveira. Posição do Estágio do Espelho na Teoria lacaniana do Imaginário. In: **REVISTA DO DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA** – UFF, v. 17 – nº 1, p. 113-127, Jan./Jun. 2005.

TEZZA, Cristóvão. **O Filho eterno**. 17ª Ed. Rio de Janeiro, Record, 2015.

TEZZA, Cristóvão. Entrevista concedida à veja, Acessado em 10 de dez. 2015. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/multimedia/video/por-que-isso-e-ficcao-uma-conversa-com-cristovao-tezza/>